

— 24.11.2013 —

(COPA)

TERRORISTA PROCURADO



FÁBIO OSCAR MARIANO DOS SANTOS - INTER-
BIETINO - BIPPO

Falho de PLÁZIO DOS SANTOS e MARIA DOS SANTOS, nascido a [illegible]
em TIPANCIÚVA/RS, estatura baixa e [illegible]
e bem senados (dente de rato) [illegible]
rista, militou no PCB, assumindo cargo de [illegible]
da subversão. Atuou em São Paulo, onde em 1967, participou de
tes ações: Tentativa de assalto de um [illegible]
(falho por não ter levado o [illegible])
cos no Av. 9 de Julho, após a [illegible]
marginal há cerca de [illegible]
cidade de DIADAMA/SP a de um [illegible]
etc. Participou em FRENTE [illegible]
zada no ABC paulista, [illegible]
questro do [illegible]

CONFIDENCIAL.
Pesquisador analisa
documento do Dops

A ditadura pelo avesso

Bastidores da Comissão da Verdade
do Rio, que há seis meses tenta
elucidar crimes do regime militar. P.38

REPORTAGEM DE CAPA

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

DE DEPOIMENTOS DE TORTURADORES A PALESTRAS EM ESCOLAS, COMO É A ROTINA DA COMISSÃO DA VERDADE DO RIO, CRIADA HÁ SEIS MESES

Em junho de 1978, a Argentina estava dividida. O horror imposto pela ditadura militar não combinava com o clima de euforia que a Copa do Mundo exigia do país — além de sediar os jogos, a Argentina ainda levaria o título. Filho do jornalista Norberto Armando Habegger, que fazia denúncias importantes sobre violações de direitos humanos na época, o menino Andrés Habegger, então com 9 anos, começou a rascunhar um diário. Todos os dias, escrevia sobre o que via, fossem gols ou *panelazos*. No dia 31 de julho daquele ano, anotou que tinha ido ao aeroporto de Buenos Aires levar o pai, que iria para o Rio de Janeiro. Não sabia que se tratava de uma fuga. Muito menos que seria o último abraço.

Capturado por três agentes do governo argentino que estavam no Brasil — país então sob os auspícios do general Ernesto Geisel —, Norberto desapareceu no Rio de Janeiro sem qualquer explicação.

Andrés nunca mais retomou o diário. Exilou-se por sete anos com a mãe no México, mas jamais deixou de buscar informações sobre o sumiço de Norberto. Sem sucesso. Hoje cineasta renomado na Argentina, onde começou a rodar no ano passado seu décimo filme, “El imposible olvido”, sobre a história do pai, ele quis vir ao Rio assim que soube que havia sido fundada aqui uma Comissão Estadual da Verdade para apurar crimes ocorridos durante a ditadura militar. Era uma esperança de avançar nas investigações pessoais — ele não tem dúvidas de que o pai foi morto aqui, com a convivência das forças militares brasileiras.

Criada em 30 de abril deste ano, a Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro (CEV-Rio), assim como as 77 que surgiram nos últimos dois anos em outros estados e municípios do país, segue o modelo de funcionamento da primeira, a Comissão Nacional da Verdade, fundada em novembro de 2011 pela presidência da República. Ao longo de dois anos, sete membros

titulares e outros 14 auxiliares devem apurar as violações ocorridas por agentes do Estado de 1964 a 1985, e produzir um relatório conclusivo ao final (o da Nacional será publicado no mês que vem).

— A Comissão do Rio foi uma das últimas a serem criadas, justamente no Rio, um dos estados que mais precisavam de uma. O golpe foi aqui, muitos arquivos estão aqui, muitos militares envolvidos moram até hoje no Leblon, em Ipanema... — justifica a advogada Nadine Borges, enviada da Comissão Nacional para ajudar a estruturar a do Rio, que não economizou telefonemas para convencer deputados e o próprio governador, Sérgio Cabral, a dar celeridade à criação do braço regional. — O Rio era rota tanto para tortura quanto para exílio. Foi onde o maior número de militantes desapareceu.

DESVENDANDO A OPERAÇÃO CONDOR

O depoimento de Andrés, portanto, era de suma importância para a CEV-Rio. Suas investigações poderiam dar pistas sobre o paradeiro de outros 11 estrangeiros desaparecidos aqui na mesma época, além dos agentes brasileiros envolvidos no episódio. Mais: o caso Habegger seria um caminho para ajudar a esclarecer a maneira como as ditaduras latino-americanas atuavam em conjunto, na aliança político-militar conhecida como Operação Condor.

Sem verba própria, a comissão não tinha como trazer o cineasta. Deu-se um jeito: o Consulado da Argentina pagou a passagem, e a hospedagem foi improvisada na casa da secretária-executiva da CEV-Rio, Virna Plastino, que tinha um quarto livre. Assim, o argentino passou alguns dias no Rio trabalhando com os pesquisadores.

Na manhã de 30 de outubro passado, uma quarta-feira, Andrés deu um depoimento público no auditório da sede da comissão, que funciona em um andar de um prédio no Centro emprestado pela

Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

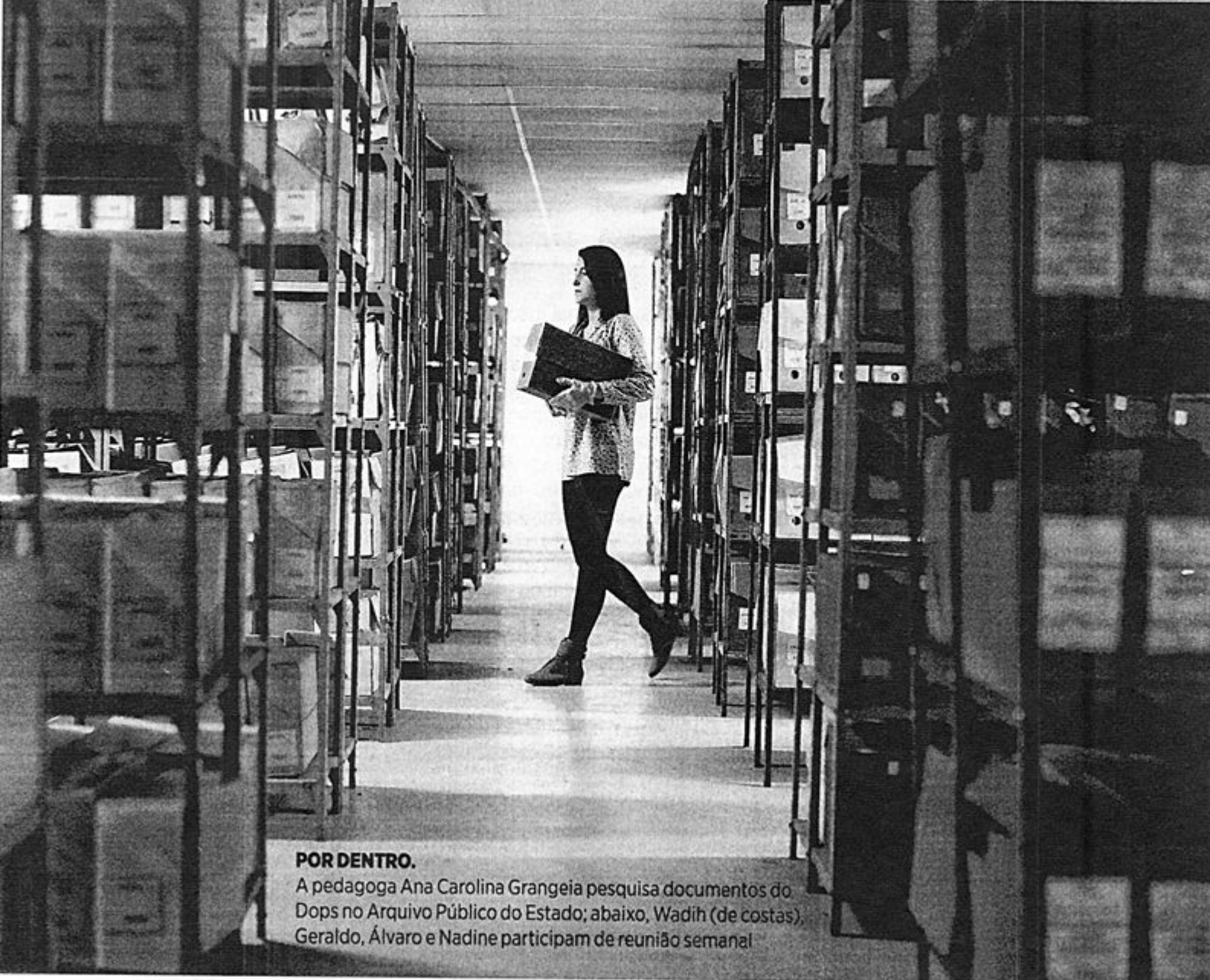
Contou em detalhes o que sabia sobre o incidente, pouquíssimo conhecido no Brasil. Apresentou fotos e documentos de 35 anos de buscas. Foi inquirido pelos integrantes e recebeu até sugestões de investigação da plateia. Havia 18 pessoas no auditório, entre historiadores, estudantes e curiosos que tinham confirmado presença no evento pelo Facebook (a página da CEV-Rio tem 2.241 “seguidores”).

— Convivi a vida inteira com um pai desaparecido — emocionou-se Andrés. — O que sabemos é que ele foi detido por três militares argentinos, com a ajuda de militares brasileiros, e que hoje estão presos por outros crimes.

Ao final da sessão, Andrés recebeu um documento que tinha sido encontrado na tarde anterior no Arquivo Público do Estado pelo membro mais novo da comissão, o estudante de Sociologia Victor Guimarães, de 22 anos: um relatório do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), datado de agosto de 1977, que comprovava a existência de uma rede de informações entre as ditaduras da América do Sul naquele período específico. Inédito até para o governo argentino, o documento justificava a abertura de uma nova frente de pesquisa da comissão, exclusivamente sobre a Operação Condor.

— Vamos pesquisar a melhor maneira jurídica para ingressar no processo argentino, para apurar os nomes dos brasileiros que participaram do sequestro de Norberto — alegou o presidente da comissão, Wadih Damous, ao fim da audiência.

Os últimos dias de julho foram agitados na rotina da CEV-Rio. Depois do depoimento de Andrés, alguns integrantes do órgão tiveram tempo apenas para almoçar um sanduíche do Bob’s antes de entrar na reunião em que debatem a pauta da semana. Dos titulares, estavam presentes Nadine, Wadih, o advogado Marcelo Cerqueira, o jornalista Álvaro Caldas, o ex-senador Geraldo Cândido e o advogado João Ricardo Dornelles.



POR DENTRO.

A pedagoga Ana Carolina Grangeia pesquisa documentos do Dops no Arquivo Público do Estado; abaixo, Wadih (de costas), Geraldo, Álvaro e Nadine participam de reunião semanal

